FRAGMENTOS DE UM AUTISTA CÉTICO (V). CONTÉM PEQUENO ENSAIO RESPOSTA.

Minha gatinha é extensão de mim. Ela sou eu.

Importa na vida curtir nossos amados.

Não há nada pior que o ser humano. Desejo ardentemente o fim de nossa cruel espécie. Os animais precisam ser libertos de nós. A forma maldosa e indiferente com que chineses tratam bichos, expondo suas torturas e sofrimentos na internet, para a humanidade inteira assistir inerte e insensível, por si só é suficiente justificativa deste meu postulado. Todos os homens deveriam castrar-se voluntariamente.

A humanidade é senão uma organização voltada ao ódio e crueldade para com os animais. Ela vive de destruir aqueles seres inocentes sem os quais não poderia existir. Desenvolveu-se ao racionalizar e controlar sua tortura e morte. Somos meros parasitas, perigosos parasitas. Envergonho-me de pertencer a esta vil espécie. Sem falar das religiões de sacrifícios, como são abomináveis. Oferecer uma vida pura em troca de pecados pessoas é o ápice da covardia e degeneração. Em vez de encarar as consequências espirituais de suas ações carnais, preferem esconder-se atrás daqueles que não podem se defender. Eu escarro em todas essas invenções humanas sinistras e bizarras.

Eu sou praticamente um analfabeto. Não sei usar o “tu” e o “vós” e chego nem perto de Nietzsche e dos grandes filósofos e literatos. Será que terei paciência de aprender a escrever e estruturar pensamentos, ou me suicidarei antes disso? O fato é, não posso abandonar minha família nem minha gatinha, então não me furtarei desse dever, pelo bem de meus futuros leitores, que anseiam por uma bela forma. Afinal, o ser humano é profundamente estético.

Humanidade significa monstruosidade. Ser humano é ser monstro.

Um crítico humano (outros são IAs) respondeu ao meu texto “a humanidade deveria ser extinta”. Disse que mesmo se a humanidade extinguir-se, o sofrimento animal ainda persistiria. Eles (os animais) continuariam, embora vivos, servindo de alimento para vermes; comeriam, machucariam e lutariam uns com os outros; e não haveria veterinários para curar suas feridas, nem remédios para tratar suas doenças.

Segundo ele, só a humanidade poderia fazer algo para acabar, em escala mundial, com suas dores e sofrimentos, por meio do avanço tecnológico. Não creio que estivesse tratando do efilismo. Acho que defendia: o desenvolvimento máximo da veterinária; a evolução legislativa e moral humana, com o fim dos maus tratos (algo utópico a meu ver) ou, pelo menos, sua criminalização em todos os países (adiantaria algo?); o melhoramento genético animal e humano, a fim de que nós, por exemplo, não tenhamos mais predisposição genética à crueldade e nem sejamos mais dependentes nutricionais de proteína animal, em especial da vitamina B12; e a produção barata e massiva de carne sintética, de laboratório, em substituição à natural, principalmente por razões gastronômicas.

Todavia, não concordo com suas expectativas e demonstrarei o porquê no próximo tópico.

Primeiro, tratarei do efilismo. Por que não adoto tal posição? O motivo é bem simples. Apesar dos animais também serem vítimas do sofrimento, não creio que caiba ao ser humano decidir sobre o destino de outras formas de vida. Não somos deuses. Não deveríamos interferir e controlar a vida alheia. Defendo a autonomia de cada espécie extinguir-se a si própria. Apesar de não terem racionalidade suficiente para tal, talvez daqui a milhões de anos a adquiram.

Acho que não preciso exemplificar. É absurdo admitir que alguém mais forte interfira em nossas vidas, em nossa liberdade. Aqui vale também o exemplo do ET, só que aplicado com intenção oposta. Creio que a maior parte das pessoas e até alguns efilistas, talvez muito poucos, concordariam que se uma raça alienígena superior intelectualmente e mais avançada tecnologicamente resolvesse nos exterminar para poupar-nos do sofrimento inerente à vida, seria abuso. Claro, haveria aqueles que o celebrariam, afinal, o tão almejado fim seria alcançado, ainda que por meios violentos, pois qualquer interferência externa nessa questão seria uma violência, mesmo tão somente a castração de todos os humanos.

Vejam, aqui não pretendo dar munições contra a castração de cães e gatos de rua, pois tal empreitada não tem por fim a extinção dessas espécies, mas apenas seu controle populacional.

Sobre o desenvolvimento máximo da veterinária: sim, isto de fato seria benéfico aos bichos. Portanto, não apresentarei objeções. Tão somente mencionarei o fato de não estar disponível para todos, mas apenas para aqueles cujos tutores tenham condição de custear o tratamento. A não ser que hospitais veterinários públicos sejam criados na mesma proporção que os destinados aos humanos. Mas só isso não basta contra o argumento da extinção humana.

Tratando-se do fim dos maus tratos ou sua criminalização, adiantei ser o primeiro utópico e a segunda ineficaz. Isso pois, existem psicopatas e inclusive pessoas neurotípicas que se satisfazem e se entretêm com atos de crueldade. Para tais, bichos são menos que nada e maltratá-los não importa, porque são como objetos, brinquedos à sua disposição. E mesmo que argumente-se a favor de uma boa educação e criação, isso nunca impediu o cometimento de atrocidades. Os piores crimes vêm das pessoas mais cultas. Não se iludam como Sócrates, que acreditava bastar ser a pessoa instruída para que não praticasse o mal. Tal falácia é desmentida todos os dias pelos noticiários. E grandes ditadores sanguinários da história como Stalin, Mao Tsé Tung, Hitler e Mussolini eram pessoas estudadas.

Então, o ser humano é um bicho que tem gosto pela violência, em ver a dor alheia. Os espetáculos de gladiadores ou, contemporaneamente, as lutas UFC ou torturas on-line de animais que o digam. E não pensem que seja algo próprio de nosso tempo. Há registros de “esportes sangrentos” com bichos desde a antiguidade. A tourada ibérica e a rinha de galos existem há milênios. Logo, é algo que está em nosso DNA ou pelo menos no DNA dos humanos mais brutos. Acabar com essa sede de sangue seria possível por meio da genética, talvez, mas quem garante que ela seria capaz de impedir o livre-arbítrio (se é que existe)? Tornar os humanos predispostos ao “bem” e à empatia? Há pessoas com predisposição genética à obesidade, mas que são magras, por causa de uma vida regrada. Portanto, é possível resistir aos genes.

Destarte, os maus tratos não cessarão e criminalizá-los não adiantaria nada. O Brasil que o exemplifique. Por acaso isso impediu o empalamento do cão Orelha? Pelo contrário, a cada ano as denúncias crescem. Por fim, quanto à evolução moral

humana, mesmo que no futuro todas as pessoas do planeta compartilhem uma mesma moral, o que é altamente improvável e, se ocorrer, demoraria séculos para concretizar-se (pergunta-se: vale a pena fazer os inocentes esperarem tanto?), ainda assim, a salvação dos animais não estaria garantida. Os desobedientes acompanham a humanidade desde seu surgimento, sempre houve (e haverá) os infratores, aqueles que não se ajustam. Durante séculos a monogamia no ocidente foi a regra e a fornicação pecado. Mas não houve fornicadores? Claro que sim. Do mesmo jeito, o “não matarás” está aí há milênios, e, apesar disso, assassinatos (entre humanos) sempre aconteceram.

Quanto a não sermos mais dependentes nutricionais de proteína animal, seria um avanço genético extraordinário. Acredito que muitas pessoas de boa vontade deixariam de consumi-la voluntariamente. Mas outras ainda estariam presas ao sabor, aos prazeres do paladar e não os renunciariam de bom grado.

A solução passa pela produção de carne sintética. Todavia, a batalha até a aceitação geral e sem resistência desse novo tipo de alimento poderia levar algumas gerações. Muitas pessoas são tradicionalistas, apegadas ao passado e contrárias às inovações. “A humanidade sempre consumiu animais”, dizem e continuarão a repetir. Promover uma mudança tão grave nos costumes seria de fato altamente revolucionário e improvável.

Mas e se, de fato, a quase totalidade (pois com certeza haverá exceções) das pessoas passar a consumir carne artificial, pergunta-se. Então, outro problema surgirá, qual seja, o que fazer com os bilhões de porcos, galinhas, vacas, ovelhas e etc que estavam destinados ao consumo? Como manejar essas vidas? A resposta pode ser uma transição gradual. Mas quando essas espécies já não forem mais úteis aos humanos, ainda se empenharão em preservá-las?

Aqui entramos de novo na questão da crueldade. O que fazer com seres que enxergamos como “inferiores”, sem utilidade, como “objetos”, “brinquedos”? Será que a humanidade estaria disposta a agir como uma verdadeira mãe cuidadora dos bichos? Ou estes seriam considerados um empecilho, um aborrecimento, um atraso de vida? Afinal, uma parte considerável das pessoas não é altruísta, a ideia de proteger o mais fraco, o vulnerável, o necessitado, não lhes impressiona.

Então é provável que a situação animal persista do jeito que está ou até piore nos próximos milênios, por causa da poluição ambiental, do aquecimento global e

de novas formas de crueldade que podem surgir com o avanço tecnológico, afinal, a tecnologia nem sempre é usada para o bem. E também, não sabemos da moralidade do amanhã. Há esperanças de que seja mais evoluída no futuro, mas quem sabe se o homem não será mais indiferente, frio, impassível diante do sofrimento alheio? Pode ser que a moralidade regrida. Enfim, são tantas variáveis, tantas incertezas e tanta demora envolvidas, que não vale a pena fazer os animais esperarem e sofrerem por mais tempo com a nossa presença. É imperioso abolirmos a humanidade.